

Agricultura familiar entre o sistema de produção convencional e orgânico: transição ou coexistência?

Erica Karnopp*

RESUMO

O texto descreve a realidade regional do Vale do Rio Pardo (Brasil), que tem sua base econômica regida pela produção do tabaco, mas que apresenta desigualdades internas relacionadas ao processo de formação territorial e em suas características socioculturais, políticas e econômicas. A análise evolui na medida em que se questiona o futuro da agricultura familiar, segmento de maior importância econômica e social do meio rural, no contexto regional. As experiências para o desenvolvimento de uma agricultura sustentável ainda são bastante incipientes, tendo em vista que a produção do tabaco ainda confere a continuidade do desenvolvimento de uma agricultura familiar baseado nos princípios formatados pela "Revolução Verde". A transição de uma agricultura convencional para ecológica (sustentável) norteia-se num processo gradual de mudança, através do tempo, nas formas de manejo dos agroecossistemas, tendo como meta a passagem de um modelo agroquímico de produção a um modelo ou estilo de agricultura que incorporem princípios, métodos e tecnologias com base ecológica.

Palavras-chave: Agricultura familiar, produção orgânica, produção convencional.

Abstract

FAMILY FARMING BETWEEN THE CONVENTIONAL AND ORGANIC SYSTEM OF PRODUCTION: TRANSITION OR COEXISTENCE? - This text describes the regional reality of Vale do Rio Pardo (Brazil), which has its economic basis in the tobacco production. It presents internal inequalities concerning the territorial formation process and socio-cultural, political and economic characteristics. The analysis evolves with the unknown future of the family farm, major economic and social segment of the rural areas

* Universidade de Santa Cruz do Sul. E-mail: erica@unisc.br

in the regional context. The experiences pointing to the development of a sustainable agriculture are still embryonic once the tobacco production continues to develop family farms based on the principles of the "Green Revolution". The transition from a conventional to an ecological (sustainable) agriculture is based on a gradual process of changes throughout time, in the ways of handling agro-eco-systems, with the objective of changing agro-chemical standard of production into a model or style of agriculture that incorporates principles, methods and technologies on ecological bases.

Keywords: Family agriculture, organic production, conventional production.

I Introdução

O processo de globalização da economia provocou transformações profundas também no processo produtivo associado à atividade agropecuária. Seu anterior sistema de produção foi amplamente reestruturado com a introdução da ciência, da tecnologia e da informação, resultando um novo modelo técnico, econômico e social de desenvolvimento agrícola. No Brasil, a modernização associada à agricultura foi intensa, mas privilegiou áreas, produtos e segmentos sociais, acarretando uma profunda concentração da terra e da renda.

Tomando como objeto de análise o Vale do Rio Pardo, uma das regiões de produção fumicultora mais significativas do país, procura-se analisar os impactos da ordem global na configuração territorial, social e econômica da atividade rural.

Em tempos de mudança, quando até mesmo em regiões rurais o futuro parece ser incerto, a análise da pesquisa em questão baseou-se principalmente na seguinte problemática: – o espaço agrário no século XXI já faz parte do passado? Ele é parte de uma visão futura ou ainda uma realidade do presente? – qual é a importância da agricultura familiar e quais as chances para sua inserção no contexto da globalização? Como o trabalho deve ser desenvolvido e quais alianças devem ser firmadas? Como os agricultores familiares podem se integrar de forma produtiva no contexto do mercado? – É possível desenvolver uma agricultura que utilize cada vez menos agrotóxicos? – Como se apresentarão as tendências de desenvolvimento e perspectivas futuras no espaço agrário na região do Vale do Rio Pardo? A região apresenta potenciais para um desenvolvimento sustentável?

2 Sistema de produção convencional e orgânico: transição ou coexistência?

A demanda crescente pelo desenvolvimento sustentável pode ser claramente evidenciada como uma característica da segunda metade do século XX. Com o objetivo de assegurar um desenvolvimento duradouro de condições e qualidade de vida é preciso achar respostas para os múltiplos desafios sociais e ambientais.

No exemplo da agricultura européia e também com ênfase nas tendências mundiais,

percebe-se que a agricultura convencional ainda mantém o papel mais importante nas regiões rurais, mesmo que o sistema de produção orgânico tenha sido cada vez mais implantado nos últimos anos. Na Europa a paisagem cultural atualmente difundida baseia-se no princípio ecológico, ou seja, numa diversidade biológica e numa paisagem natural típica necessárias para conservar a diversidade biológica. Atualmente na Alemanha uma redescoberta de produtos regionais está acontecendo, tendo em vista oferecer novos impulsos à agricultura e permitindo com que as pessoas se identifiquem fortemente com sua própria região. Por último, mas não menos importante, os "escândalos" de alimentos geneticamente alterados levaram os consumidores a confiarem em produtos regionais.

A continuidade do desenvolvimento de uma agricultura orgânica, portanto, será determinada pela demanda dos consumidores, bem como pela política de marketing dos produtores. Em relação a uma demanda ampliada as estimativas variam altamente. De acordo com cada produto desenvolvimentos diferentes são esperados. No entanto, não se pode negar a possibilidade de que devido a um acréscimo da demanda pelos consumidores, também as grandes propriedades poderão futuramente fazer uso deste método de produção orgânico e desta forma criar problemas de ajuste econômico para os agricultores familiares.

Todavia, para serem efetivas, tais mudanças devem ocorrer mediante um processo de transição que leve a uma contínua e permanente ecologização dos sistemas produtivos agrícolas e das atividades rurais não-agrícolas. Esta transição, ao estar centrada na cidadania e em bases democráticas, pressupõe a utilização de metodologias de intervenção participativa, capazes de incluir as pessoas nos processos decisórios, buscando melhorias da qualidade de vida das comunidades, com respeito ao conhecimento local, estabelecendo metas compatíveis com condições sócio-econômicas e com os interesses e necessidades das populações participantes do processo de construção de novos estilos de desenvolvimento rural e agricultura sustentável (CAPORAL 2004).

O método de cultivo convencional sobrecarrega o meio ambiente e usa em demasia os recursos naturais. Assim, o método de cultivo orgânico está mais próximo do modelo de uma produção duradoura de alimentos. Se tal mudança fosse politicamente necessária, os agricultores necessitariam ser amplamente subsidiados neste processo.

O Rio Grande do Sul, por tradição histórica e condições agroclimáticas, foi um dos primeiros estados brasileiros onde a Revolução Verde ganhou expressão, mas foi também pioneiro na luta ambientalista e na batalha contra as externalidades negativas dos pacotes tecnológicos, especialmente no que diz respeito aos agrotóxicos. A consciência acerca dos impactos da Revolução Verde sobre o meio ambiente e sobre a saúde foi geradora de crescentes movimentos de resistência de parcela importante da sociedade gaúcha, que reivindica, desde meados dos anos 1980, a necessidade de banir alguns pesticidas, diminuir o uso de agrotóxicos, eliminar práticas agrícolas danosas ao solo e às águas superficiais e subterrâneas, eliminar as queimadas e reduzir o desmatamento, entre outras questões. Tais movimentos trazem entre suas bandeiras a luta por uma agricultura nova, socialmente justa e ambientalmente sustentável, para usar expressões que se popularizaram nas últimas décadas (COSTABEBER 1999).

A agricultura sustentável neste estudo não pode ser comparada com a agricultura

tradicional do século XIX e XX. O cultivo orgânico se utiliza dos elementos naturais disponíveis nas propriedades e os combina com novas percepções. Assim concebe-se uma nova forma orientada e moderna de fazer agricultura em sintonia com a natureza. É notável que o cultivo orgânico tenha aumentado tão consideravelmente nos últimos anos. Este fato parece ser um indício de que as vantagens do sistema orgânico (sustentável) estão ficando sempre mais evidentes.

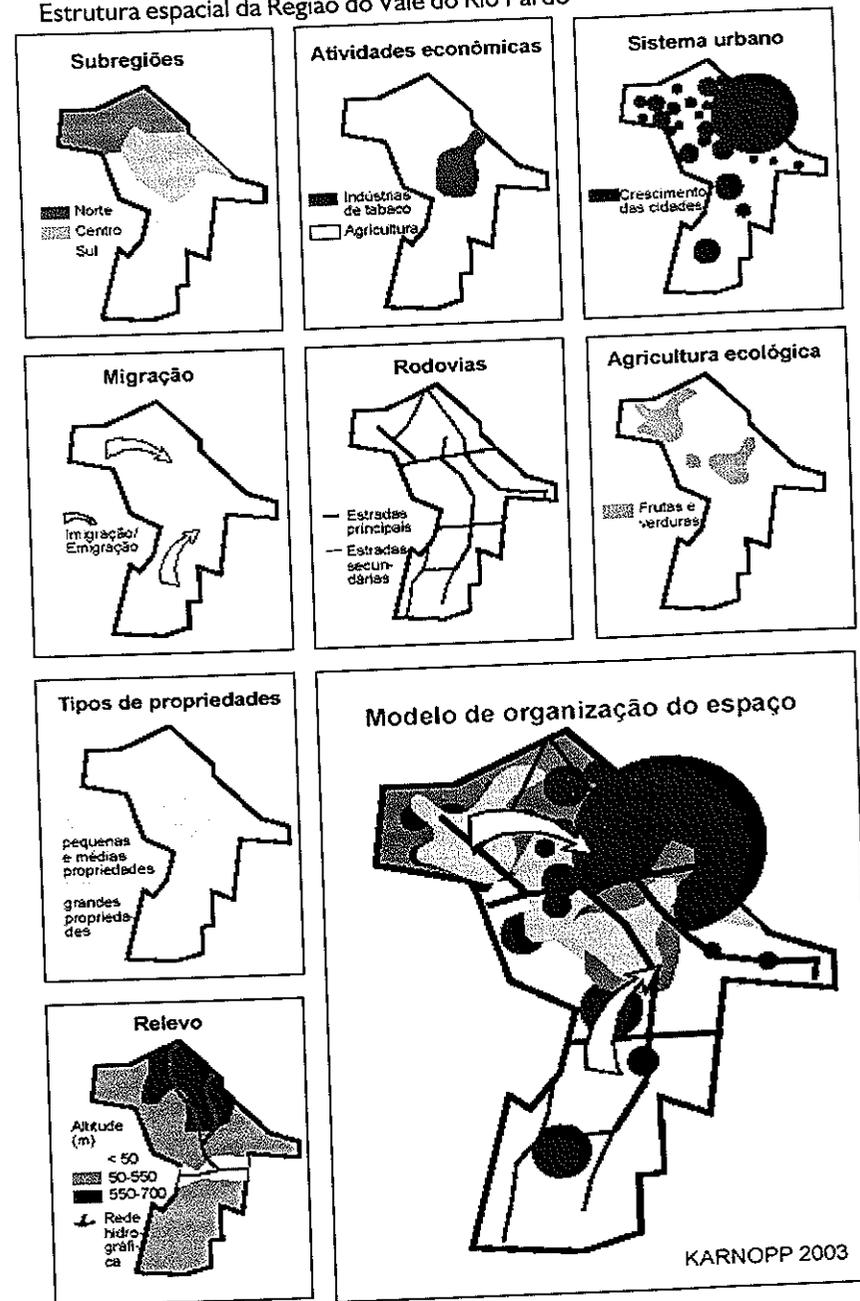
A Região do Vale do Rio Pardo tem sua base econômica regida pela produção do tabaco, mas esta produção apresenta desigualdades internas relacionadas ao processo de formação territorial e em suas características socioculturais, políticas e econômicas. A análise evolui na medida em que se questiona o futuro da agricultura familiar, segmento de maior importância econômica e social do meio rural, no contexto regional.

As experiências para o desenvolvimento de uma agricultura sustentável ainda são bastante incipientes, tendo em vista que a produção do tabaco ainda confere a continuidade do desenvolvimento de uma agricultura familiar baseado nos princípios formatados pela "Revolução Verde".

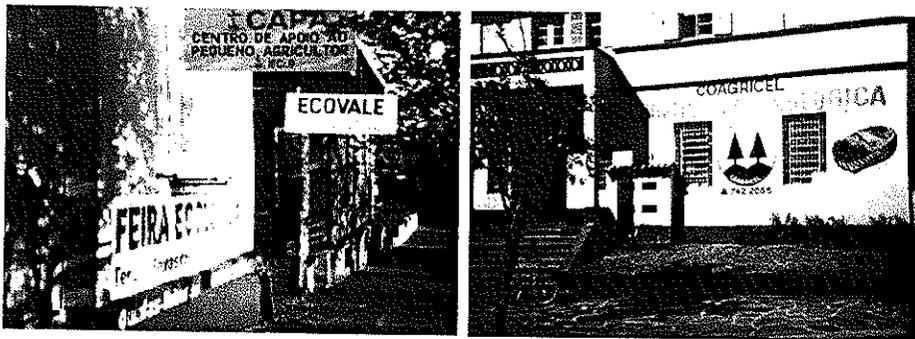
A transição de uma agricultura convencional para a orgânica norteia-se num processo gradual de mudança, através do tempo, nas formas de manejo dos agroecossistemas, tendo como meta a passagem de um modelo agroquímico de produção a um modelo ou estilo de agricultura que incorporem princípios, métodos e tecnologias com base ecológica. O processo de produção do tabaco – do plantio, industrialização e comercialização – é controlado pelas empresas multinacionais. Na maioria dos municípios da região do Vale do Rio Pardo o tabaco é o produto que confere maior importância, mas somente os municípios em que as multinacionais estão instaladas se beneficiam pelo seu desenvolvimento industrial. Os demais municípios são meramente produtores da matéria prima – o tabaco. Estes municípios se beneficiam dos impostos sobre o tabaco, causando uma disparidade econômica entre os municípios que não se beneficiam através do setor secundário. Decisivamente as corporações multinacionais têm um grande impacto na estrutura regional.

Com o objetivo de realizar uma análise empírica detalhada, foram selecionadas propriedades agrícolas que desenvolvem práticas convencionais e propriedades agrícolas orgânicas. O primeiro exemplo é de uma propriedade agrícola convencional no município de Santa Cruz do Sul. O município pertenceu à colônia de Santa Cruz, que foi fundada em 1849 por imigrantes alemães. O segundo estudo de caso diz respeito ao estudo de propriedades agrícolas associadas em cooperativas ecológicas: a ECOVALE (Cooperativa Ecológica Regional de Agricultores Familiares Ecologistas), localizada no município de Santa Cruz do Sul e a Cooperativa COAGRICEL (Cooperativa Ecológica), localizada no município de Sobradinho. Ao analisar ambas as cooperativas, diferentes percepções podem ser evidenciadas através de um estudo comparativo. O estudo de caso demonstra, sobretudo, a importância do cultivo orgânico familiar nas propriedades rurais.

Estrutura espacial da Região do Vale do Rio Pardo



Cooperativa ECOVALE e COAGRICEL



Os resultados do estudo mostram num primeiro momento a organização regional do Vale do Rio Pardo, a qual é movida pela produção do tabaco. Além disso, sublinha-se a existência de diferenças internas em relação às condições sócio-culturais, políticas e econômicas dentro do desenvolvimento territorial. A análise se debruça sobre o futuro da agricultura orgânica. A experiência adquirida através do desenvolvimento de uma agricultura sustentável ainda é incipiente, uma vez que o tabaco é o pivô condutor do desenvolvimento regional, o qual mantém a base e princípios da Revolução Verde.

Com o objetivo de divulgar os estudos de caso, os quais foram usados para detalhar e aprofundar a análise a respeito do desenvolvimento da agricultura orgânica na região do Vale do Rio Pardo, alguns comentários em relação ao surgimento e filosofia das duas cooperativas ecológicas são necessários:

Em ambos os casos houve um acréscimo significativo de associados nas cooperativas. Em ambos os casos os agricultores associados das cooperativas já tinham uma conscientização sobre a importância da produção orgânica.

Os associados de ambas cooperativas também usam o método convencional de cultivo, principalmente nas lavouras de fumo. Devido ao rápido acréscimo de associados nas cooperativas, isto redundou em conflitos internos entre os membros. Desta forma torna-se cada vez mais difícil unificar os interesses dos membros nas cooperativas. A COAGRICEL tem 110 famílias associadas e a ECOVALE 81 famílias.

As experiências analisadas neste estudo podem ser divididas em dois grupos: de um lado há uma minoria de agricultores da região Centro-Serra (parte Norte do Vale do Rio Pardo) que decidiu desistir de plantar fumo. Eles cultivam frutas e verduras através do manejo orgânico como principal fonte de renda. Conquistaram independentemente da COAGRICEL seu próprio mercado. Contrariamente a maioria dos membros da COAGRICEL, ainda dependem do cultivo do tabaco como principal fonte de renda, tendo encontrado muitos problemas e restrições na realização do cultivo orgânico e quanto às estratégias de marketing para a comercialização dos produtos.

Uma vez que a maioria dos agricultores não consegue abandonar a produção de tabaco pelas razões e riscos econômicos, a produção ecológica fica marginalizada e os agricultores correm o risco de não encontrarem um mercado garantido para os produtos orgânicos. A maioria dos agricultores, também associados às cooperativas, pensa que o

fumo é e continuará sendo um produto que sempre terá mercado garantido. Nesse sentido o aumento da produção orgânica é bastante restrito uma vez que não se dispõe de um mercado garantido para a produção. Conclusivamente, a produção orgânica permanece sendo uma alternativa, ou seja, uma renda adicional à cultura do fumo.

Para outros membros, a procura de alternativas se dá pelo fato do uso constante e agressivo de agrotóxicos nas lavouras de fumo. No entanto, sentem que não podem abandonar totalmente o fumo para dedicar-se ao plantio orgânico de frutas e verduras. Nota-se, portanto, nessas propriedades uma grande contradição: por um lado, os agricultores produzem fumo, usando produtos químicos e agrotóxicos de alto risco para a saúde e meio ambiente e, por outro, produzem produtos que são totalmente livres de produtos químicos. Estes agricultores contam com estas estratégias e consideram estar num processo transitório de uma agricultura puramente convencional para orgânica.

A implementação de uma agricultura meramente orgânica poderá ser possibilitada somente no momento em que se tornar mais rentável do que a produção convencional do tabaco. Isto dependerá muito das dinâmicas das cooperativas e de como elas gerenciam como mediadoras entre os seus membros e interesses.

Um aspecto que diferencia as duas cooperativas analisadas e suas estratégias econômicas é o seguinte: a COAGRICEL tem como filosofia o repasse do conhecimento orgânico/ecológico, enquanto que a ECOVALE dá muito mais ênfase ao aspecto da conscientização ecológica.

Os resultados deste trabalho também mostram que a iniciativa de produzir através de um manejo orgânico não partiu da iniciativa dos agricultores. Em ambos os casos eles foram influenciados por representantes de organizações não governamentais e EMATER, os quais têm um interesse forte em promover o cultivo orgânico.

É importante destacar que a produção orgânica se dá por uma camada social intermediária, ou seja, em transição e não por agricultores excluídos e marginalizados. Sobretudo, são os agricultores que não alcançam os padrões do que é considerado "moderno" pela modernização da agricultura, mas tiram vantagem da condição sócio-econômica existente para transitar para um método de produção diferenciado.

Os dados analisados mostram que uma alternativa para a agricultura familiar é a diversificação de produção para o consumo próprio aliada ao mercado. Aparentemente, a mão-de-obra pode ser melhor aproveitada durante o ano todo e permite que um maior número de pessoas do grupo familiar trabalhem na propriedade.

Neste contexto, pode-se dizer que os métodos orgânicos utilizados, bem como as ações coletivas seguem uma lógica que põe em primeiro plano a melhoria da situação financeira do grupo familiar. Eles alegam que o suporte econômico é a principal razão para o cultivo orgânico como alternativa ao convencional. Analisando os estudos de caso percebe-se que uma mudança da política de cultivo para a região do Vale do Rio Pardo parece Utopia.

A partir do exposto, algumas questões podem ser levantadas em um contexto regional: como se manifestam as mudanças na agricultura do Vale do Rio Pardo e quais os efeitos que elas têm em outras regiões? É possível a coexistência de uma agricultura convencional e ecológica na região?

A partir da análise regional do Vale do Rio Pardo, foram desenvolvidos três cenários:

Cenário A – Continuidade das tendências atuais – supõe que os atuais métodos de produção possam se expandir através do cultivo do fumo. O uso de produtos químicos e a especialização de cultivos modernos permitem o uso mais intensivo da terra. Devido ao crescimento mais intenso e um decréscimo da diversidade, a estabilidade de nosso ecossistema está colocada em perigo. As opções positivas de intensificação permitem usar áreas menores intensivamente para um sistema de produção cujos processos de adaptação produtiva são manipulados extensivamente. Por causa de estratégias de marketing diversas, uma continuidade de tendências ecológicas e econômicas, parece ser possível. O cenário A, com o desenvolvimento ecológico e técnico em uma rede de trabalho global com mercados livres somente afeta um baixo percentual da população.

Cenário B – Bioregião – a bioregião mostra a intensidade do desenvolvimento ecológico. O ponto inicial é uma nova orientação da economia rural com recursos, proteção e sustentabilidade.

Cenário C – Alternativo – alternativas emanam de uma coexistência da agricultura convencional e orgânica. A sociedade se move naturalmente em direção a um futuro ecológico. Isto significa que uma consciência ecológica terá que aumentar continuamente entre a população. Isto levará a outros estilos de vida. Este cenário poderá ser uma solução realista para a região.

O desenvolvimento regional, através da continuidade das atuais tendências e da ênfase para se obter alternativas programará as linhas de possível desenvolvimento para a região. O desenvolvimento de uma região “bio” é limitado pelas questões sociais, políticas e econômicas. As diretrizes para um futuro duradouro apresentado no cenário B podem ser consideradas em curto período de tempo como utópicas na região do Vale do Rio Pardo.

Assim, a agricultura orgânica pode oferecer múltiplas soluções aos problemas de meio ambiente, econômicos e sociais. A eficácia e o sucesso de um desenvolvimento sustentável dependerão não somente de condições de produção, marketing e organização, mas, sobretudo do compromisso dos agricultores e o design da região programada e planejada. Com o objetivo de assegurar um desenvolvimento independente e duradouro nas áreas rurais muito tem que ser feito no futuro. Um desenvolvimento projetado é fundamental para o crescimento com sucesso da agroecologia no Vale do Rio Pardo. Isto inclui não somente colaboração na produção, marketing e lobby político, mas também cooperação na pesquisa.

Por fim, mesmo sabendo que estas informações não esgotam o assunto, cabe citar aqui algumas preocupações adicionais apresentadas por José Santamarta (2001), em seu texto “A ameaça dos disruptores endócrinos”, onde o autor destaca que “o mercado mundial de pesticidas agrícolas movimentou algo em torno de 20 a 30 bilhões de dólares em 1999 e incluía 1.600 substâncias químicas”, o que dá uma dimensão do poder econômico envolvido. Mas além disto, surgem outras preocupações quando se sabe que, no período que vai de 1945 a 1999, “o poder biocida por quilograma das substâncias químicas foi multiplicado por 10”, o que aumenta os riscos à saúde e ao meio ambiente. E isto é ainda mais grave, pois como diz o autor, “atualmente os métodos de análise somente

detectam um terço dos mais de 600 pesticidas em uso”. O Brasil contava, no ano 2000, com 444 ingredientes ativos e 854 marcas comerciais de agrotóxicos e afins, o que representava um total de 1.981 diferentes apresentações destes produtos, com uso permitido. Neste sentido, pode-se acreditar não mais do que numa coexistência entre o sistema de produção convencional e orgânico no caso da região do Vale do Rio Pardo.

Referências

- ALMEIDA, Jalcione. Da ideologia do progresso à idéia de desenvolvimento (rural) sustentável. In: ALMEIDA, J. NAVARRO, Z. (Org.) *Reconstruindo a agricultura: Idéias e ideais na perspectiva do desenvolvimento rural sustentável*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1997, p.33-55.
- ALTIERI, M., MASERA, O. Desenvolvimento rural sustentável na América Latina: Construindo de baixo para cima. In: ALMEIDA, J. e NAVARRO, Z. (Org.) *Reconstruindo a agricultura: Idéias e ideais na perspectiva do desenvolvimento rural sustentável*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1997, p.72-105.
- CAPORAL, Francisco, COSTABEBER, José. *Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável: perspectivas para uma nova extensão rural*. Porto Alegre: EMATER/ASCAR, v. 1, n. 1, Jan./Mar. 2000.
- CONSELHO REGIONAL DE DESENVOLVIMENTO DO VALE DO RIO PARDO – COREDE. *Plano estratégico de desenvolvimento do Vale do Rio Pardo – Caracterização da Região*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1998.
- COSTABEBER, José A. *Acción Colectiva y Procesos de Transición Agroecológica en Rio Grande do Sul, Brasil*. Universidad de Córdoba: Tesis Doctoral, 1998.
- COY, M., NEUBURGER, M. As frentes pioneiras na Amazônia brasileira entre globalização e sustentabilidade. In: CEHU (Centro de Estudios Alexander von Humbolt) (Hrsg.): *Primer Encuentro Internacional Humboldt*; Buenos Aires (CD-Rom).
- EHLERS, Eduardo. *Agricultura sustentável: origens e perspectivas de um novo paradigma*. Guaíba: Agropecuária, 1999.
- ELIAS, Denise. *Globalização e Agricultura: A região de Ribeirão Preto – SP*. São Paulo: Edusp, 2003.
- ETGES, Virginia E. *Sujeição e resistência: os camponeses gaúchos e a indústria do fumo*. Santa Cruz do Sul: FISC, 1991.
- ETGES, Virginia E. *Desenvolvimento Rural: potencialidades em questão*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2001.
- FAO/INCR. *Perfil da agricultura familiar no Brasil: dossiê estatístico. Versão resumida do relatório final do Proyecto UTF/BRA/036*, Brasília, 1996.

- GOUDIE, A. *Mensch und Umwelt – Eine Einführung*. Heidelberg, Berlin, Oxford, 1994.
- IANNI, Octavio. *A sociedade global*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- KARNOPP, Erica. Desenvolvimento rural sustentável: reflexões e ações em âmbito regional. *REDES*, Santa Cruz do Sul, v.4, n.2, p. 161-186, maio/ago 1999.
- KARNOPP, Erica. *Kleinbauern zwischen konventioneller und ökologischer Landwirtschaft: das Beispiel der Region Vale do Rio Pardo Brasilien*. Tese de Doutorado. Tübingen, 2004.
- KLARMANN, Herbert. *Região e identidade regional: um estudo da espacialidade e representatividade regional no Vale do Rio Pardo*. Santa Cruz do Sul, 1999.
- LAMARCHE, Hugues. *Agricultura Familiar – do mito à realidade*. Campinas: Unicamp, 1998.
- OLIVEIRA, Ariovaldo U. A agricultura brasileira: desenvolvimento e contradições. In: BECKER, Berta K. et al. *Geografia e meio ambiente no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 1995.
- PESAVENTO, Sandra J. *História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.
- SANTAMARTA, J. “A ameaça dos disruptores endócrinos”. *Revista Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável*, v.2, n.3, jun/set, 2001. (Tradução de Caporal, F.R.).
- SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro – São Paulo: Record, 2000.
- TEDESCO, J.C. *A agricultura e a globalização*. Experiência francesa na década de 1990. Passo Fundo: EDUPF, 1999.
- VOGT, Olgário & SILVEIRA, Rogério. *Vale do Rio Pardo: (re)conhecendo a região*. EDUNISC: Santa Cruz do Sul, 2001.

Recebido para publicação em 04/08/05

Aceito para publicação em 22/09/05